

Ainda um bom lugar para ganhar dinheiro

Economia - Brasil

Brasil só perde para EUA na preferência dos investidores

CARI RODRIGUES

BRASÍLIA - O Brasil ainda é uma das melhores opções para investimentos diretos entre os países emergentes, apesar dos tropeços na economia brasileira e da crise internacional. A força dessa atratividade vêm de setores em que ainda há muito o que fazer. Além disso, não se pode desprezar um mercado com mais de 160 milhões de pessoas, um Produto Interno Bruto (soma das riquezas produzidas no país) na faixa dos US\$ 800 bilhões e uma posição de liderança entre os países do Mercosul.

Estudo da empresa de consultoria McKinsey aponta que a produtividade brasileira ainda é baixa em muitos setores, mas os investidores estrangeiros sabem que é possível aumentá-la e conseguir bons lucros. "A oportunidade de um investidor estrangeiro vir ao Brasil é muito grande, porque ele pode adaptar as práticas gerenciais que possui ao mercado brasileiro, aumentando a

produtividade e gerando uma boa rentabilidade ao capital investido", disse ao JORNAL DO BRASIL o consultor da McKinsey, William Jones, responsável pelo trabalho *Estudo da produtividade: a chave para o desenvolvimento acelerado no Brasil*.

Reformas - Para manter a posição de segundo colocado entre países que inspiram confiança e são atrativos para os investimentos globais, o Brasil terá que reduzir seu déficit público e fazer as reformas ainda pendentes, qualquer que seja o presidente eleito, reconhecem técnicos da equipe econômica. A pesquisa que colocou o Brasil somente atrás dos Estados Unidos e à frente da China nesses dois quesitos foi divulgada em junho último.

Depois disso, a Rússia decretou a moratória, a fragilidade do sistema bancário japonês se tornou ainda maior, e o mundo financeiro entrou numa grave crise em que até o papel do Fundo Monetário Internacional (FMI) está sendo questionado. Entretanto, o ex-ministro da Economia e integrante da equipe da Tendências Consultoria, Maílson da Nóbrega, diz que o Brasil não deve mudar de posição



Marcílio: "Reformas são fundamentais para a volta do crescimento"

na revisão dos dados que integram o Índice de Confiança dos Investimentos Estrangeiros Diretos (FDI Confidence Index). Os investidores ouvidos tiveram rendimentos de US\$ 13,4 trilhões em 1996 e estão nos países de onde saiu 96% do total do fluxo de capitais de investimento no mundo.

"O investidor direto não é movido pelas altas e baixas das bolsas. Os cenários para o investimento produtivo são de longo prazo e, apesar da crise, existe a percepção de que a América Latina tem estabilidade política e econômica", acredita Nóbrega.

Nesse contexto, os países mais ricos do mundo, aliados a organismos internacionais, devem fechar um pacote de ajuda ao Brasil nos próximos dias e o governo brasileiro tem que anunciar o programa de ajuste fiscal para reduzir o déficit público de 8% para 3% do PIB até 2001, analisa o ex-ministro.

Mobilização - "Está havendo uma mobilização para que o Brasil enfrente essa crise. Uma prova disso é que as empresas estrangeiras que já estão operando no país não diminuíram suas atividades".

Apesar das reservas internacionais terem despencado de US\$ 70,2 bilhões, no fim de julho, para um patamar próximo a US\$ 44,5 bilhões, no fim de setembro, o interesse do investidor pelo Brasil reflete o otimismo pelo processo de privatização no país. Os grupos estrangeiros que compraram as empresas do Sistema Telebrás devem investir em infra-estrutura cerca de US\$ 40 bilhões nos próximos três anos, segundo estimativas de técnicos do Ministério da Fazenda.

Em 1997, o Brasil recebeu a maior

parte dos investimentos diretos baseados em privatizações. O papel do Brasil dentro do Mercosul é um importante indutor de investimentos. Quase 70% de todos os investidores europeus e americanos que responderam à pesquisa do FDI Confidence Index mostraram um forte interesse pelo Mercosul (bloco econômico formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) e que representa um mercado de 200 milhões de pessoas, com PIB anual de US\$ 1 trilhão. O Brasil é preferido para investimentos em produtos primários, indústria pesada, telecomunicações e empresas de serviços.

Longo prazo - "Há um divórcio entre o Brasil real e aquele visto pelo mercado como um todo. O investidor direto, aquele que aposta no crescimento do país, tem uma visão de longo prazo", analisa Marcílio Marques Moreira, ex-ministro da Economia e representante de uma das maiores corretoras do mundo, a Merrill Lynch.

Segundo ele, ainda há muito o que explorar no país, como o setor mineral, onde até os recursos para pesquisas são pequenos. Para Moreira, nada justifica que o Brasil, com enorme potencial turístico, receba menos estrangeiros que o Uruguai. Distribuição de alimentos e indústria automobilística são outros setores que ainda podem crescer, diz.

Para que esses recursos se direcionem para o Brasil, Moreira lembra que é prioridade um plano fiscal para arrumar o país. "O déficit público sempre existiu, e já deveria ter sido resolvido", avalia.

Mesmo com o cenário atual, o Brasil tem uma "janela de oportunidades", aposta Moreira, e é preciso aproveitar o momento.